

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

DANILO MARQUES SILVA

ARTE URBANA COMO POSSIBILIDADE DE TRABALHO PEDAGÓGICO:
percepções de docentes do Ensino Médio

JUIZ DE FORA
2019

Danilo Marques Silva

**ARTE URBANA COMO POSSIBILIDADE DE TRABALHO PEDAGÓGICO:
percepções de docentes do Ensino Médio**

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação no Curso de Especialização Mídias na Educação, da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lucia Werneck Veiga
Profa. Dra. Márcia Fernandes Pinheiro Hara

JUIZ DE FORA
2019

Danilo Marques Silva

ARTE URBANA COMO POSSIBILIDADE DE TRABALHO PEDAGÓGICO:
percepções de docentes do Ensino Médio

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação no Curso de Especialização Mídias na Educação, da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Lucia Werneck Veiga (orientadora)

Membro da banca

Membro da banca

RESUMO

O trabalho aqui apresentado tem como objetivo geral compreender – pela visão do docente atuante no Ensino Médio e/ou em formação em cursos de Licenciatura – se a arte urbana se apresenta como possibilidade pedagógica. Desse objetivo, desdobram-se os seguintes: verificar se sujeitos da pesquisa percebem a arte urbana como possibilidade de intervenção pedagógica; e identificar os desafios apresentados em relação à implantação de práticas pedagógicas que extrapolam as paredes dos espaços escolares. Os estudos de Adolfo Tedesco, Pedro de Castro Hamann, Cristiano Lazzarin e Mariana Gontijo foram de suma importância para as discussões estruturadas nesse relatório. Em relação às temáticas ligadas à docência, foram essenciais os estudos de Mariano Enguita, Thiago Alves, José Marcelino de Rezende, bem como relatório da UNICEF que explicita dados sobre as realidades que circundam última etapa da Educação Básica. O universo aqui analisado compreendeu sujeitos recém-formados ou em formação em cursos de licenciatura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Esses sujeitos forneceram depoimentos e, conseqüentemente, materiais para serem analisados frente aos objetivos aqui propostos. Ou seja, verificar se a arte urbana manifestada em Belo Horizonte permitiria a construção de propostas pedagógicas em uma turma de Ensino Médio. Constatou-se que todos os sujeitos percebiam a arte urbana como um válido recurso pedagógico, e não somente as manifestações lotadas, por exemplo, em espaços de arte como museus. Além disso, verificou-se as distintas realidades dos estudantes como um desafio comum. Além do cuidado em se trabalhar com a arte urbana de modo a não fomentar, por exemplo, o censo comum e certos preconceitos.

Palavras-chave: Arte Urbana; Docência; Docentes; Ensino Médio; Educação Básica.

SITE

<https://sites.google.com/s/0B3AFusyk-DDuQXNaZXRCUkZmbFE/p/0B3AFusyk-DDucDRKSEpoNkNDMDA/edit>

1 INTRODUÇÃO

Acessar outros espaços de formação após a conclusão de um curso superior contribui significativamente para o aperfeiçoamento profissional, bem como para a atualização das críticas acerca da realidade. Nesse sentido, a inserção no curso de Especialização em Mídias na Educação da UFJF me proporcionou acessar novos ambientes formativos e perspectivas. Ao expandir meus pensamentos passei também a conviver com o surgimento de questões, principalmente, aquelas ligadas aos desafios da docência, de modo específico, ao sujeito docente recém-formado ou em formação.

Além dessas inquietações, interesses foram despertados no decorrer do curso, especificamente, pela aproximação de leituras que não faziam parte do meu cotidiano. Por tal caminho, destaco as disciplinas que mostraram a potencialidade do uso da fotografia em sala de aula, tornando-se um recurso importante para o questionamento dos espaços da vida cotidiana, permitindo entender que experimentar a cidade é mais do que atravessar ruas, avenidas e vias públicas. Por meio de tal perspectiva, o tema que marca presente proposta de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) assim se apresenta: a arte expressa nos muros da cidade de Belo Horizonte como um recurso pedagógico no Ensino Médio.

Desse modo, procurou-se investigar quais as percepções de futuros docentes ou em formação – especificamente, aqueles formados em Licenciatura ou vinculados em cursos com tal característica – sobre o uso da arte urbana como recurso pedagógico. Quanto à escolha da cidade de Belo Horizonte, o motivo para tal adesão se dá ao fomento que esse tipo de arte tem recebido nos anos mais recentes¹.

¹ **De grafites a murais: BH terá 40 novos trabalhos de arte urbana** (Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2018/06/30/interna_gerais,970490/de-grafites-a-murais-bh-tera-40-novos-trabalhos-de-arte-urbana.shtml. Acesso em 1 de novembro de 2018.

Em BH, prefeito Kalil vai instalar mural de grafite em seu gabinete. (Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/02/1855031-em-bh-prefeito-kalil-vai-instalar-mural-de-grafite-em-seu-gabinete.shtml>. Acesso em 2 de novembro de 2018.

Um caso de amor com BH. (Disponível em: <https://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/um-caso-de-amor-com-bh-1.2063550>. Acesso em 4 de novembro de 2018.

CURA: Conheça os artistas que vão colorir empenas no Centro de Belo Horizonte. (Disponível em: <https://bhaz.com.br/2018/11/02/cura-conheca-os-artistas/>) Acesso em 31 de outubro de 2018.

Quanto ao Ensino Médio, Enguita (2014) demonstra que sobre essa etapa incidem desafios de distintas ordens. Para o autor, as inquietudes que perpassam a última etapa da Educação Básica não são exclusivas do tempo presente, pois essa etapa “foi e é, há muito tempo, a encruzilhada estrutural do sistema educativo, o ponto no qual uns fatalmente terminam e outros verdadeiramente começam” (p.10).

Infelizmente, tal percepção encontra correspondência na realidade educacional de muitos estudantes brasileiros. Segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF)² é nessa fase que acontece uma significativa exclusão educacional que, infelizmente, que se manifesta em todas as regiões brasileiras. Por exemplo, em 2012 mais de 1,7 milhão de adolescentes estiveram fora da escola, sendo que, entre aqueles matriculados, aproximadamente 3,1 milhões (35%) cursavam o Ensino Fundamental ao invés do Ensino Médio.

O cenário é de continuidade desses fenômenos, basta verificar que em 2017 dos 48,5 milhões de jovens brasileiros (de 15 a 29 anos) mais da metade não havia concluído o ensino superior e nem frequentava espaços escolares, curso, universidade ou qualquer outra instituição regular de ensino. Tal contexto indica que foram mais 330 mil sujeitos nessa situação se comparado a 2016. Ao verificar a presença de jovens no Ensino Médio – na idade considerada regular – percebe-se que 68,5% dos matriculados estavam nessa situação, entretanto, as regiões Norte e Nordeste foram as únicas com valores abaixo da média nacional, 59,5% e 60,6%, respectivamente³. Nas reflexões Enguita (2014) o Ensino Médio é

a fase em que a instituição esgota para muitos o seu atrativo e o novo ambiente digital desenvolve-se com maior força, fase em que alguns começam a ver como inalcançáveis os objetivos propostos e outros a não ver interesse nem valor neles, fase na qual os próprios aprendizes começam a diferenciar, por si mesmos, as possíveis vias

Belo Horizonte irá receber 40 novos trabalhos de arte urbana. (Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/belo-horizonte-ira-receber-40-novos-trabalhos-de-arte-urbana>). Acesso em 25 de outubro de 2018.

² Publicado em 2014 cujas análises apoiaram-se na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2011 e do Censo escolar de 2012. Especificamente sobre a PNAD, Alves e Pinto (2011), explicam que esta é um levantamento realizado anualmente desde 1971 (exceto nos do censo populacional) que investiga regularmente os seguintes aspectos populacionais: educação, trabalho, rendimento e habitação e outros temas de forma não regular como as características de migração, fecundidade, nupcialidade, saúde, nutrição etc.

³ Dados da PNAD Contínua 2017 e disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101576_informativo.pdf Acesso em 7 de maio de 2018.

de aprendizagem e deixam de se conformar com qualquer coisa (ENQUITA, 2014, p. 10).

Por esse caminho, percebe-se que sobre essa etapa incidem uma série de desafios para os trabalhadores docentes. Alves e Hermont (2014) ao realizarem estudos sobre estratégias metodológicas para as juventudes identificam atividades que devem se fazer presente no trabalho dos docentes. Aderir a essas posturas seria necessário para qualificar as propostas pedagógicas como mais atrativas e próximas aos sujeitos estudantis. Desse modo, as autoras citam a importância daquelas atividades

que dialoguem com suas linguagens [com isso] não estamos sugerindo que o professor adote a linguagem dos jovens, mas que seja capaz de transitar entre as linguagens próprias da cultura escolar e das culturas juvenis, dosando formalidade e informalidade; que sejam negociadas e não impostas, evidenciando autoridade sem autoritarismo por parte do professor. A negociação implica respeito, e o respeito, para os jovens, é pautado na conquista e não na imposição. Não é raro ouvirmos dos jovens: “eu respeito quem eu admiro”; que sejam dinâmicas, não rotineiras, pautadas em experiências. Nesse aspecto, a maior reclamação é ter que ficar sentado, sem conversar, apenas ouvindo o professor e copiando do quadro; que utilizem tecnologias, como internet, aparelhos de celular, músicas, imagens, vídeos, filmes, programas de rádio etc. (ALVES, HERMONT, 2014, p. 20, *com adaptações*).

Não restam dúvidas que aproximar o conteúdo escolar das realidades das juventudes constitui um desafio de grande porte, sobretudo, para aqueles cuja inserção na docência se deu recentemente ou que esta em vias de acontecer. Seguindo esse caminho, o presente trabalho fez a escolha por esses sujeitos, além disso, a realização de entrevistas com tal perfil facilitaria o contato, acesso e disponibilidade na recolha dos dados. Desse modo, os dados levantados subsidiariam a reportagem que constitui dos produtos desse TCC.

2 OS CAMINHOS E DESDOBRAMENTOS DA PESQUISA

Um dos produtos desse TCC é um ensaio fotográfico objetivado em registrar alguns murais artísticos de Belo Horizonte. Posterior à realização do ensaio, objetiva-se

realizar entrevistas com, aproximadamente, três sujeitos que sejam recém-formados ou que estejam em formação no âmbito de cursos de Licenciaturas. Nessa direção, o objetivo geral assim se estruturou:

- compreender, pela visão do docente de ensino médio, a arte urbana como possibilidade pedagógica.

Do objetivo geral, desdobram-se os específicos seguintes:

- analisar as opiniões de docentes recém-formados ou em formação em Licenciaturas acerca da arte urbana em Belo Horizonte;
- verificar como percebem a arte urbana como possibilidade de intervenção pedagógica;
- identificar os desafios apresentados pelos docentes para a implementação de práticas pedagógicas que extrapolam as paredes dos espaços escolares.

Do conjunto de etapas necessárias para o alcance do que se propõe, inicialmente realizou-se uma revisão da literatura que discutisse os desafios da docência. Nessa etapa buscou-se também levantar produções que permitissem especificar e diferenciar, por exemplo, o *Pixo* do *Grafite*. Desse modo, a leitura de trabalhos que discorressem sobre a temática, as concepções, as críticas e os desafios ligados às manifestações urbanas foi de suma importância.

Os detalhes das outras etapas que compõem este relatório serão apresentados na seção seguinte.

2.1 Pré-produção e análise

Para a realização do ensaio fotográfico foi necessário apenas um *smarthphone Samsung* para a efetivação dos registros. A escolha por essa ferramenta específica justifica-se, pois os registros seriam realizados no decorrer do cotidiano do autor deste relatório. O despertar do olhar para os muros e as paredes da cidade foi, em certa medida, construído a partir das referências mobilizadas para a composição do *site* e deste relatório.

Inicialmente se propôs a realização do ensaio fotográfico focado no hipercentro da cidade de Belo Horizonte, no entanto, percebeu-se que tal situação seria um fator limitante haja vista as reflexões de Gontijo (2012). Isto porque as manifestações artísticas – sobretudo o *Grafite* – variam de espaço para espaço. Nesse sentido, destacar apenas as obras do hipercentro poderia valorizar determinadas manifestações em detrimento de outras. Na tentativa de minimizar tal problemática, buscou-se também por manifestações em locais que extrapolassem o espaço inicialmente delimitado.

Quanto aos registros das manifestações alocadas em espaços de arte como museus, optou-se pelas exposições no *Sesc Palladium* e no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). Isto porque os dois espaços são reconhecidos por suas capacidades institucionais e, no caso do CCBB, de pertencer ao Circuito Cultural da Praça da Liberdade⁴.

Para a realização das entrevistas como os sujeitos atendentes aos pré-requisitos já citados, inicialmente, pretendia-se fazer a coleta por meio de gravação de áudio e/ou entrevistas pelo aplicativo *WHATSAPP*. No entanto, após posterior avaliação, verificou-se que esse modo de coleta seria limitado, isto porque o acesso a tais contatos não seria algo fácil, bem como a abordagem por esse aplicativo poderia se mostrar invasivo ou improvisado.

Nesse sentido, fez-se a seguinte opção: levantar no *Facebook* grupos de sujeitos ligados a cursos de Licenciatura, sobretudo, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A escolha por essa instituição se fez pela viabilidade de acesso por parte do proponente da pesquisa. Fez-se, portanto, um levantamento de grupos no *Facebook* de modo a encontrar os sujeitos respondentes conforme mostra a Imagem 1, 2 e 3.

⁴ Mais informações em: <http://www.circuitoliberalde.mg.gov.br/pt-br/>

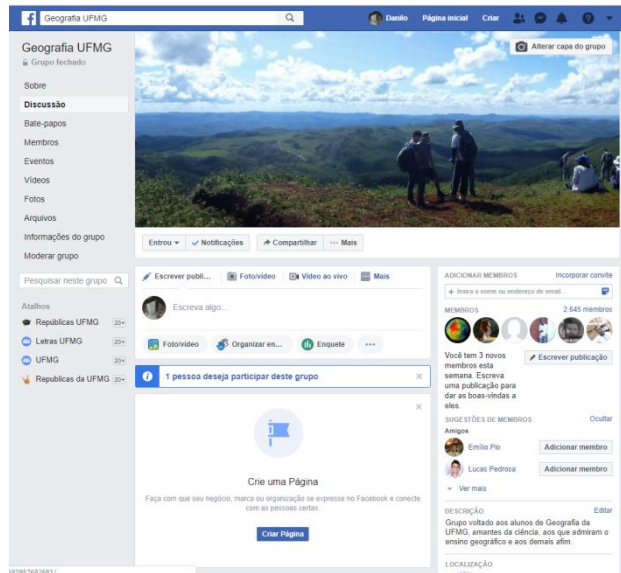


Figura 1: Captura de tela de grupo do Facebook. Fonte: Danilo Marques Silva.

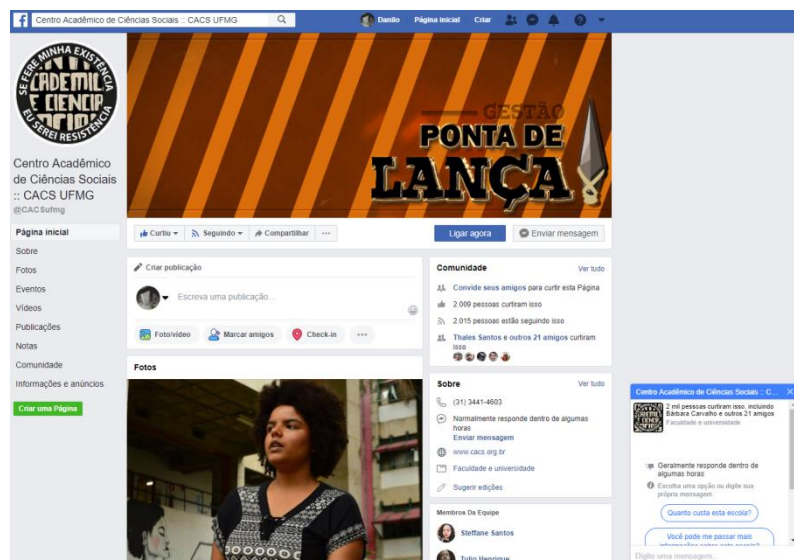


Figura 2: Captura de tela de grupo de Facebook. Fonte: Danilo Marques Silva



Figura 3: Captura de tela de grupo de Facebook. Fonte: Danilo Marques Silva

Após tal levantamento, foi feito o envio de uma mensagem explicando a pesquisa, bem como seus objetivos (Figura 4). Considerando o interesse do sujeito em participar da pesquisa, o momento seguinte consistia em enviar as fotografias (figura 5) e posteriormente as perguntas (Figura 6). Ou seja, as perguntas deveriam ser respondidas cuja base seriam os registros fotográficos. .

Bom dia. Meu nome é Danilo Marques Silva e atualmente me encontro vinculado à Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) como aluno do curso de Especialização em Mídias na Educação. Como requisito parcial para aprovação no respectivo curso, é solicitado aos discentes a elaboração de um relatório e de dois produtos como partes do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC). Nesse sentido, venho por meio dessa mensagem solicitar a sua participação para coletar dados que subsidiem a proposta de pesquisa elaborado por mim, cujo título é: Arte Urbana como possibilidade de trabalho pedagógico: percepções de docentes do Ensino Médio. Ressalto que a aproximação com o seu contato aconteceu por meio de informações referentes às pessoas que compõem grupos do Facebook, especificamente, aqueles compostos por sujeitos vinculados a cursos de Licenciaturas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Nessa direção, solicito gentilmente que você responda algumas perguntas tendo como base as imagens anexas a esta mensagem. Destaco que suas respostas podem ser enviadas nesta mesma caixa de mensagem, escritas ou enviadas por áudio. Desde já agradeço sua atenção.

Figura 4: Captura de tela de mensagem enviada a possíveis sujeitos de pesquisa. Fonte: Arquivo pessoal do autor.

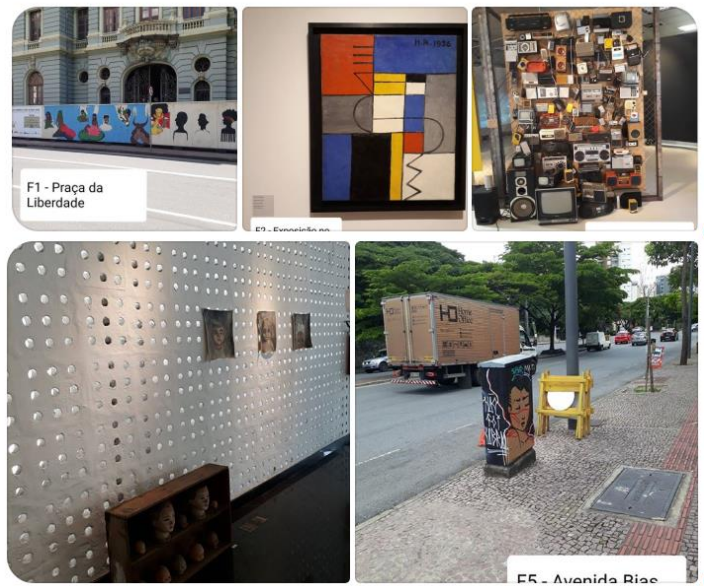


Figura 5: Captura de tela do Messenger do *Facebook*. Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Nome:
 Formação:
 Idade:
 As fotografias apresentadas, na sua opinião, quais podem ser qualificadas como manifestações artísticas?
 Essas manifestações contribuem para o cenário cultural de Belo Horizonte? Se sim, quais você acredita que mais contribuem?
 Pensando que você lecionasse para uma turma de Ensino Médio em uma escola pública, essas manifestações artísticas te ajudariam a estruturar uma proposta pedagógica?
 Especificamente sobre as manifestações artísticas que são encontradas nas vias urbanas públicas, algumas dessas despertam em você o interesse em estruturar uma proposta pedagógica?
 Independente da sua opinião, o que você considera mais desafiador na implementação dessa proposta?

Figura 6: Captura de tela do Messenger do *Facebook*. Fonte: Arquivo pessoal do autor

Essas etapas foram necessárias para a inserção no campo da pesquisa, bem como para acessar os sujeitos pesquisados. Um dos limites desse tipo de abordagem é que na atualidade convive-se com o aparecimento constante de propostas de participação em pesquisa no cotidiano das pessoas. Por meio de diferentes

aplicativos os sujeitos são chamados a serem sujeitos de pesquisa, nessa direção, pode-se dizer que diferentes propostas de pesquisa concorrem pela atenção das pessoas. Sendo assim, o retorno por parte do sujeito pode vir de modo mais lento e gradual. Outro fator limitante, e que acometeu de modo específico o presente trabalho, é que o acesso aos sujeitos de pesquisa se deu no período de férias, desse modo, dificultando o retorno.

2.2 PÓS PRODUÇÃO E ANÁLISE

Assim que foram enviadas as mensagens de texto explicando a pesquisa, obtiveram-se respostas de cinco sujeitos, sendo esses: dois licenciados em Ciências Sociais, um licenciando em Ciências Sociais, um licenciando em Pedagogia e um licenciando em Letras. Do total de respondentes, uma era do sexo feminino e os outros três do sexo masculino. Apesar da possibilidade de enviar as respostas no formato de áudio, todos os sujeitos optaram pelo modo escrito, cujo envio se deu diretamente pela caixa de mensagens do *Facebook* ou anexando um documento em formato *Word* com os depoimentos.

Para garantir o anonimato dos sujeitos participantes da pesquisa, o presente trabalho utilizará das seguintes terminologias de identificação: LC1 (licenciado em Ciências Sociais); LC2 (licenciado em Ciências Sociais); LC3 (licenciando em Ciências Sociais); LP (licenciado em Pedagogia); LT (licenciado em Letras).

Em relação às fotografias, todos os sujeitos responderam que tais registros apresentavam manifestações independentemente se estavam lotadas em museus ou vias públicas. Porém, apesar do reconhecimento ter sido mencionado por todos, LP reconhece que algumas possuem mais valorização que outras, no entanto, o sujeito não especificou quais se enquadrariam em tais qualificações.

Na segunda pergunta⁵ as respostas compartilharam de ideias, ou seja, todas reconheciam que as intervenções urbanas contribuíram para a cena cultural da

⁵ Cujo questionamento assim foi feito: Essas manifestações contribuem para o cenário cultural de Belo Horizonte? Se sim, quais você acredita que mais contribuem?

cidade, sobretudo, aquelas por estarem em locais de fácil acesso. Sendo um significativo exemplo a arte do *Grafite*, pois, *esta muito mais próximas do público geral, diferentemente dos museus que ainda são espaços pouco acessados*, pontua LC1.

Na visão de LT as artes expostas nas vias públicas *trazem um caráter mais social, como a da Praça da Liberdade, da Av. Bias Fortes e o grafite*. Na fala de LC2 as artes manifestadas possuem suas respectivas importâncias como, por exemplo, aquelas lotadas nos museus. No entanto, o sujeito ressalta a importância da arte urbana do dizer que

todas as obras apresentadas contribuem para o cenário cultural de Belo Horizonte, pois estão expostas em museus, exposições ou marcadas nas paredes e objetos públicos da cidade. Ou seja, só por estarem na cidade, contribuem de alguma maneira para o enriquecimento cultural da capital. Contudo, se pensarmos na amplitude de sujeito os quais estas obras alcançam, acredito que, das artes apresentadas, as que se localizam em ambientes externos, nas ruas, são visíveis para mais sujeitos e tem mais impacto no cenário urbano do que as que ficam protegidas dentro de locais fechados (depoimento do sujeito LC2).

Os depoimentos demonstram o quanto as concepções dos sujeitos não compreendem como arte apenas os exemplares que, conforme Tedesco e Hamann (2017), enquadram-se na qualidade de *Arte Chancelada*. Por tal expressão, segundo os autores, entende-se aquelas manifestações que tem a marca da autorização e da legitimação somente quando compõem ou são expostas em espaços tradicionais de arte como museus e que, porventura, podem representar espaços elitizados ou pouco acessíveis ao grande público.

No tocante às perguntas que relacionam as fotografias com a prática em sala de aula, fez-se o seguinte questionamento: *Pensando que você lecionasse para uma turma de Ensino Médio em uma escola pública, essas manifestações artísticas te ajudariam a estruturar uma proposta pedagógica?*

Tanto dos murais quanto das obras dos centros culturais foram percebidas possíveis na elaboração de alguma proposta pedagógica. De modo geral, apareceram registros que elevam tais manifestações como necessárias para discussões acerca

do que é ou não arte, das invisibilidades urbanas e de denúncias, por exemplo, das desigualdades que se fazem presentes no cotidiano urbano.

Por exemplo, na perspectiva de LT seria *uma oportunidade maravilhosa para conversar e debater sobre os direitos humanos*. Mesmo sem tal sujeito especificar as fotografias, na fala de LP percebe-se que os murais representam maior potencialidade de se tornar uma proposta pedagógica, por refletirem *gritos urbanos de pessoas em situação, geralmente, à margem do Estado e que se fazem visíveis através das suas expressões nas ruas e longe dos palacetes artísticos*. O único depoimento que estabeleceu relação com uma obra lotada em espaços de arte foi LC2 quando menciona que utilizaria da *obra dos aparelhos eletrônicos antigos do Sesc Palladium, para remeter a temas relativos a tecnologia e consumo*.

Além de possibilitar discussões sobre ações que valorizam o espaço urbano, na perspectiva de LC3, as fotografias apresentadas possibilitam, em sala de aula, a elaboração de debates sobre a definição e conceito de arte e arte urbana, além de discutir poluição visual, *grafite e pixo*.

Mesmo que sem entrar em detalhes, no depoimento de LC3 vale o destaque da distinção que o sujeito se propõe a fazer dentro de sala de aula sobre o que é poluição visual, grafite e *pixo*. Além de não conceber tais manifestações como homogêneas, o depoimento do sujeito, em certa medida, se aproxima muito das ponderações feitas pela produção acadêmica, pelos produtores de arte e órgãos institucionalizados⁶.

Quando questionados sobre os desafios da implantação de uma proposta pedagógica, LP e LC3 revelam que o principal obstáculo se faz na discussão de como desconstruir o senso comum ou as ideias que persigam ou desqualifiquem a potência da arte urbana. Já o depoimento de LC2 indica os murais da Praça da Liberdade como a arte mais desafiadora de se trabalhar devido a necessidade de lidar com a *linha tênue entre a representação da valorização dos corpos não brancos e a sexualização violenta destes associada a nudez*. Na leitura de LC1 a dificuldade estaria em fazer a *associação de forma clara para que todos entendam*

⁶ Quanto à produção acadêmica que reflete sobre tal questão, no final deste relatório constam alguns trabalhos que versam sobre essa diferenciação. Já no site, cujo link consta no início desse trabalho, constam alguns vídeos que discutem essas temáticas a partir de distintas perspectivas.

que por trás de uma imagem existem uma série de símbolos que refletem a sociedade histórico, social e politicamente.

Por fim, percebe-se que heterogeneidade do corpo discente atravessou a maior parte dos depoimentos, sobretudo, pelas condições diversas que desenham o interior da sala de aula e as realidades dos estudantes.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se, ao longo do texto, mais do que expor os depoimentos, mas confrontá-los e problematizá-los. Nesse sentido, a elaboração do presente trabalho permitiu não somente discutir questões, mas verificar em que medida é possível expandir a crítica acerca dos desafios da docência, sobretudo, na elaboração de abordagens pluralistas e que, ao mesmo tempo, rompam com uma perspectiva monocultural.

Em relação aos limites do presente trabalho, é preciso destacar que a semelhança entre os sujeitos pesquisados repercutiram em depoimentos significativamente próximos. Vale ressaltar que as falas pertenciam a sujeitos vinculados a cursos de graduação das Ciências Humanas, ou seja, Letras, Pedagogia e Ciências Sociais. Acredita-se que um material mais amplo e diversificado poderia ter sido registrado caso a diversidade de sujeitos tivesse qualificado a presente pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALVES, Thiago; PINTO, José Marcelino de Rezende. Remuneração e características do trabalho docente no Brasil: um aporte. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. 143, p. 606-639, ago. 2011.

ENQUITA, Mariano. F. A encruzilhada da instituição escolar. In.: Porto Alegre, Artmed, 2004. KRAWCZYK, Nora (Org.). *Sociologia do Ensino Médio*: Crítica ao economicismo na política educacional. São Paulo: Cortez, 2014, p. 7-11.

GONTIJO, Mariana. 2012. O Direito das Ruas: As Culturas do Graffiti e do Hip Hop como Constituintes do Patrimônio Cultural Brasileiro. 2012. 89f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2012. Disponível: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUOS-8XTPMV>> Acesso em 4 de dezembro de 2018.

LAZZARIN, Luís Fernando. *Grafite e o Ensino da Arte*. Educação & Realidade, 2007, 32, Jan. Jul, ISSN 0100-3143. Disponível em <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=317227045005>>. Acesso em 5 de dezembro de 2018.

PIZZINATO, Adolfo; TEDESCO, Pedro de Castro e HAMANN, Cristiano. INTERVENÇÕES VISUAIS URBANAS: SENSIBILIDADE(S) EM ARTE, GRAFITE E PICHANÇA. *Psicol. Soc. [online]*. 2017, vol. 29, ISSN 0102-7182. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822017000100240&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 18 de dezembro de 2018.

UNICEF. 10 desafios do Ensino Médio no Brasil para garantir o direito de aprender de adolescentes de 15 a 17 anos. Brasília, DF: UNICEF, 2014.